CABO VERDE É A MAIS JOVEM NAÇÃO DO MUNDO

PONTO FINAL NUM PASSADO DE CINCO SÉCULOS DE COLONIALISMO

CIDADE DA PRAIA (República de Cabo Verde), 5 — «A luta do PAIGC contribuiu poderosamente para a nossa libertação do jugo do fascismo» — declarou o primeiro-ministro português, general Vasco Gonçalves a uma multidão entusiasmada de cabo-verdianos, que o aclamou e gritou em coro «MFA, MFA», no Estádio da Várzea, onde decorreram esta manhã as cerimónias oficiais da transmissão de poderes para os representantes eleitos pelo povo de Cabo Verde.

Falando apaixonadamente, com o seu estilo directo tão característico Vasco Gonçalves, que representava o presidente da República Portuguesa nas cerimónias oficiais da independência de Cabo Verde, arrebatou decididamente os milhares de cabo-verdianos que pela primeira vez tinham ocasião de o escutar e ver em pessoa.

«É do fundo do nosso coração de portugueses que hoje aqui gritamos: viva a independência de Cabo Verde» — disse ainda o chefe da delegação portuguesa, que sublinhou: «Hoje somos mais livres porque nos libertamos ambos, portugueses e cabo-verdianos da canga do colonialismo que durante séculos pesou sobre os nossos dois povos».

Eram precisamente treze horas locais ao som do hino nacional português a bandeira das quinas, que flutuava num mastro em frente da tribuna, foi solenemente arriada por um soldado português, que, ajudado por um elemento da Marinha de Guerra e outro da Força Aérea, a dobrou cuidadosamente e a entregou a um oficial português que, subindo à tribuna, a depositou nas mãos do general Vasco Gonçalves.

A emocionante cerimónia, observada em profundo silêncio pela multidão que enchia o estádio, durou apenas cinco minutos. Punha-se termo a um passado de cinco séculos de colonialismo que, conforme o primeiro-ministro português sublinhou num seu vibrante discurso, não beneficiou nem o povo português nem o povo cabo-verdiano, mas apenas um punhado de indivíduos. Seguidamente secretário-geral do PAIGC, Aristides Pereira, fez a entrega da bandeira da República de Cabo Verde, amarela e verde, a um oficial das Forças Armadas Revolucionárias do Povo (FARP), que procedeu ao seu hastear no mesmo mastro, ajudado por dois soldados cabo-verdianos, enquanto uma banda militar das FARP tocava o hino do PAIGC.

Na tribuna de honra, em sentido, viam-se além de Aristides Pereira e do primeiro-ministro português, o major Pedro Pires, principal responsável do PAIGC em Cabo Verde durante o período de transição, Abílio Duarte, ontem eleito presidente da Assembleia Nacional Popular de Cabo Verde, o general Carlos Fabião e os numerosos representantes de países amigos, movimentos de libertação africanos e organizações internacionais.

Alinhados em frente da tribuna, no terreno do Estádio da Várzea, via-se uma companhia das FARP, com as suas fardas verdes e boinas castanhas, e uma companhia de Lanceiros dois (Polícia Militar portuguesa), além de milícias populares cabo-verdianas, compostas por rapazes e raparigas de farda caqui.

Do lado esquerdo do recinto estacionavam autometralhadoras e blindados de fabrico soviético com as respectivas guarnições garbosamente perfiladas.

O armamento dos soldados cabo-verdianos era constituído por espingardas G-3, idênticas às dos portugueses, e ainda por metralhadoras Kálachnikov.

Aviões Nord Atlas da Força Aérea portuguesa sobrevoaram constantemente o estádio, lançando flores e panfletos onde se lia: «Liberdade, paz, progresso e justiça social para os povos de Portugal e Cabo Verde».

Eram onze horas e vinte precisas quando começou a cerimónia da transferência de poderes. Um responsável pelos serviços de informação do P. A. I. G. C. foi o mestre de cerimónias, anunciando ao microfone: «Estamos a assistir a uma cerimónia que só acontece uma vez na vida».

Poucos minutos antes tinham surgido na tribuna Aristides Pereira e Vasco Gonçalves, que foram vibrantemente aclamados pela multidão.

Ao grito de «Amilcar Cabral herói do povo», a que se juntaram portugueses e cabo-verdianos, irmanados no mesmo sentimento de fraternidade internacionalista, teve início o desfile da juventude, que exibia cartazes com a palavra de ordem «abaixo o imperialismo», além de numerosos retratos de Amilcar Cabral, o imortal líder e fundador do partido africano para a independência da Guiné e Cabo Verde.

Ao fundo, em frente da tribuna de honra, via-se um gigantesco retrato de Amilcar Cabral com a legenda «Cabral ca mori» (Cabral não morreu).

A saudação à delegação portuguesa foi proferida pelo secretário geral do P.A.I.G.C., Aristides Pereira, que referindo-se à libertação dos cabo-verdianos e dos portugueses, sublinhou: «A luta é uma só e a mesma», referindo-se a Vasco Gonçalves como «camarada de combate, do combate que ganhamos juntos».

Noutro ponto da sua saudação, Aristides Pereira, disse: «Os nossos portos e os nossos corações estão abertos a todas as bandeiras».

Em resposta, Vasco Gonçalves disse que, «O povo português tem a consciência das suas responsabilidades históricas» e apesar de não ser rico, ao descolonizar não vira as costas e não abandona os povos das ex-colónias, com os quais continua a cooperar estreitamente, mas agora numa base de igualdade e respeito mútuo.

No seu improviso Vasco Gonçalves evocou o campo de concentração do Tarrafal, a que chamou «o campo de morte para onde os fascistas enviavam os melhores filhos do povo português, aqueles que se batiam contra o fascismo e o colonialismo».

Seguidamente prestou homenagem à memória de Amilcar Cabral e pediu aos cabo-verdianos que o desculpassem por reivindicar também aquele dirigente africano como um «exemplo e educador do povo português», uma vez que as suas obras e o seu pensamento político tem influenciado a juventude portuguesa.

(CONTINUA NA PÁGINA 13)

OFERTA DO PAPA

CIDADE DO VATICANO, 5 — Paulo VI oferece hoje à nova República de Cabo Verde o auxílio da Igreja Católica no caminho do «progresso moral e social».

A oferta papal está contida num telegrama enviado em seu nome pelo cardeal Jean Villot, secretário de Estado do Vaticano, a A. Paulino Livramento Évora, bispo da nova nação de expressão portuguesa.

Eis o texto do telegrama:

«Por ocasião da proclamação da independência do arquipélago de Cabo Verde, Santo Padre, acompanhado de perto, participante, sentimentos dessa comunidade eclesial, formula ardentes votos pelas prosperidades bem-estar do povo cabo-verdiano sob bençãos de Deus. Confia Vossa Excelência encargo exprimir aos novos governantes felicitações e votos, reafirmando decidida disponibilidade da Igreja para prestar sua específica contribuição no sentido de colaborar para progresso social, moral do novo Estado». — (ANI).

SUBSTITUTO DO PRIMEIRO MINISTRO

Durante a ausência do primeiro-ministro, general Vasco Gonçalves, que se deslocou a Cabo Verde a fim de tomar parte nas cerimónias da independência do território, substitui-lo-á no desempenho daquelas funções o ministro da Administração Interna, tenente-coronel Arnão Metelo.

À PARTIDA DE LISBOA

VASCO GONÇALVES: «DESCOLONIZAR NÃO É VOLTAR AS COSTAS»

Momentos antes da sua partida para Cabo Verde, a fim de assistir às cerimónias da independência, o general Vasco Gonçalves manifestou aos representantes dos órgãos da Informação o seu júbilo por assistir às cerimónias. E acrescentou:

«Espero que esta deslocação, em representação do sr. presidente da República, contribua para estreitar os laços materiais e espirituais entre Portugal e Cabo Verde. Entre os nossos dois povos temos mantido uma aturada colaboração. Estão à vista, por exemplo, as acções que tem havido em relação à Guiné, tão ligada que está a Cabo Verde. Portanto, tudo naquela linha de que descolonizar não é voltar as costas e deixar, enfim, que os países sejam independentes».

«Nós entendemos que a descolonização tem mais do que isso: o estabelecimento de relações fraternais, de relações exemplares entre os nossos povos, de modo que no futuro se possam concluir acordos e outros instrumentos de de cooperação e de interesse mútuo, sem ingerência nos assuntos uns dos outros, com o maior respeito, sem quaisquer preconceitos neocolonialistas, nem de grande potência, que não temos. Resumindo: estou muito satisfeito por ir a Cabo Verde, por ir ver os meus amigos de Cabo Verde, os meus amigos do PAIGC».

Mais adiante, referiu-se à presença no aeroporto do dr. Vasco Cabral, ministro das Finanças do Governo da Guiné, e interrogado sobre a possibilidade futura de uma ajuda por parte de Portugal a Cabo Verde, afirmou:

«O nosso país, como sabem, tem recursos limitados, mais a mais na crise que atravessa. Portanto, não pode prestar todo o apoio que gostaria e de que o povo cabo-verdiano precisa. Nesse sentido têm sido feitos apelos a organismos internacionais especializados e outros para que prestem auxílio a Cabo Verde, nesta fase tão difícil que atravessa. Da nossa parte, procuraremos cumprir o nosso dever histórico. Temos uma pesadíssima herança do fascismo. O fascismo todos os anos investia em Cabo Verde muito dinheiro, que não era, no entanto, destinado a investimentos produtivos. Não era aplicado no desenvolvimento da produção, mas antes repartido entre as pessoas, para que não passassem fome Nós próprios, depois do 25 de Abril, em parte ainda tivemos de caminhar nesse sentido, porque não tínhamos outra solução e não se podia operar uma transição brusca em todo esse esquema. Portanto, o que posso dizer é que já se têm desenvolvido diversas acções, quer ao nível das Forças Armadas, quer ao nível económico, mas que a concretização dessas acções não é imediata leva tempo».

A concluir, o general Vasco Gonçalves acentuou:

«Eu penso que Cabo Verde terá dias difíceis a passar ainda este ano e nos próximos anos, mas tudo isso é também o preço da independência e da libertação de um regime colonial. As pessoas não podem atingir um nível de progresso e de bem-estar quando partem destes estados em que parte Cabo Verde, em que parte Portugal, sem passarem por um duro período de sacrifícios».

Acompanha o primeiro-ministro uma delegação composta pelos seguintes elementos: general Carlos Fabião, 1.º tenente Rosário Dias, capitão Graça Cunha e 1.º tenente Judas, em representação do Conselho da Revolução; ministros sem pasta drs. Magalhães Mota, Pereira de Moura e Álvaro Cunhal, este último em representação do PCP; ministro Almeida Santos; dr. Lopes Cardoso, em representação do PS; dr. José Manuel Vilas-Boas, director-geral adjunto dos Negócios Políticos, em representação do ministro dos Negócios Estrangeiros; dr. Fernando Reino, pela Secretaria de Estado da Cooperação Externa; e major Sousa Lobo, adjunto do gabinete do primeiro-ministro.

CHUVA POLÍTICA NO ARQUIPÉLAGO DA FOME

QUAL A COR DA DIGNIDADE?

«A luta de libertação é uma revolução, e esta não acaba no momento em que se ÇÇa a bandeira e se toca o hino nacional» (Amílcar Cabral, em Havana — 1966)

CIDADE DA PRAIA, 5 — A bandeira vermelha-verde-amarela (as cores da de Portugal, por outra disposição) do PAIGC está desfraldada nas 10 ilhas do arquipélago. E o hino «Esta é a nossa Pátria amada» fez vibrar de uma emoção com lágrimas os milhares de cabo-verdianos que, nesta Cidade da Praia, festejaram sem histerismos e com solenidade, este dia da Independência.

A alegria serena de todo um povo que hoje atingiu a libertação terá sido o facto que mais nos impressionou, a nós portugueses, novos-ricos de uma política que, pelo menos a nível de messas, mal entendemos, mas que ostentamos no mau-gosto agressivo da ignorância.

Por que temos uma menor formação sócio-política que os nossos colonizados? Claro que não Talvez porque não tivemos a seca e a fome a curtir-nos o corpo e a alma como este povo-mártir (só de 1946 a 1948 a fome matou 30 mil habitantes das ilhas) E decerto — isso sim — porque a palavra *unidade* nessa latia europeia onde se encontram os leitores só ultrapassa o comínio do «slogan» cínico aquando das investidas às claras de uma reacção que não desarma.

★ por FERNANDO MARTINS, enviado especial JN

No povo cabo-verdiano a unidade é um facto. São duas centenas de milhar de homens, de mulheres e de crianças, na sua maioria analfabetos, que se juntam em volta da bandeira do PAIGC, à sombra das cores da esperança. Milhares e milhares que cantaram, em Português, o hino da Pátria-Irmandade.

A bandeira esvoaça aqui na Cidade da Praia, como no Tarrafal, na Ribeira Brava, em Palmeira ou na Cova Figueira. E o hino ainda tem primazia sobre as nostálgicas mornas com letras que falam dos horrores do passado: «Em Cabo Verde não há que comer/só há bananas p'ra mandar p'ra Lisboa». Mas a revolução continua! A revolução não parará até à reparação de todas as chagas abertas pelo colonialismo pelo braço armado pelo imperialismo internacional

Revolução de que cor? Essa a pergunta que, tanto aqui, entre os convidados, como aí em Portugal, fervilha, fundamentalmente entre aqueles para os quais... o importante é a cor.

Para Amílcal Cabral como para Aristides Pereira «o importante é o homem». O homem na sua condição de livre, de emancipado.

Em Cabo Verde não há lutas entre socialistas e comunistas. Nem a palavra «centro» aparece como disfarce, da mesma forma que «popular» e «democrático» significam, *realmenmente, interesses do povo e governo do povo pelo povo.* Em Cabo Verde não há lutas, que não sejam contra a seca, a miséria e a fome. Em Cabo Verde há o PAIGC, cuja adesão maciça esmagou, prontamente, o surgimento de grupos fantoches como o UPICV (União do Povo das Ilhas de Cabo Verde), que em 23 de Maio apareceu crismado de Frente Popular de Libertação; e a UDC «União «Democrática» de Cabo Verde) — o primeiro fundado nos Estados Unidos em 1959; o segundo com grande implantação no clero ilhéu, e cujo fundador, com mais dois militantes, proclamou, há muito, a «independência» em... Boston!...

Em Cabo Verde existe, portanto, o PAIGC — o partido da *UNIDADE.* Qual a sua corrente política? Que a descubram os interessados, através da transcrição que faço de excertos do «Programa» do partido.

Diz no seu Capítulo V, n.º 1: *«Regime republicano, democrático, laico, anticolonialista e anti-imperialista».* E, logo a seguir, no n.º 2: *«Estabelecimento das liberdades fundamentais, respeito pelos direitos do homem, e garantias para o exercício dessas liberdades e direitos».*

No Capítulo VI, n.º 1, o referido «Programa» refere, ainda: *«Liquidação de todas as relações económicas do tipo colonialista e imperialista. Conquista da independência económica para a Guiné e Cabo Verde».*

Ainda mais uma achega. Diz respeito ao Capítulo VII. Revela o n.º 1: *«Liquidação da exploração do homem pelo homem e de todas as formas de sujeição da pessoa humana a interesses degradantes, em proveito de indivíduos, de grupos ou de classes. Eliminação dos lucros injustos. Liquidação da miséria, da ignorância, do medo, da prostituição e do alcoolismo.»*

E, agora, que responda quem souber: *Qual é a cor da dignidade de um povo?*

Aqui, na Cidade da Praia, essa dignidade é mestiça e fala Português e Crioulo. Canta mornas que falam da seca e dos que partiram para longe. E envergava, hoje, camisolas brancas com o rosto de Amílcar Cabral estampado a vários tons.

1 SEMANA em LONDRES
Partidas do PORTO:
TODAS QUINTAS-FEIRAS
Julho 10, 17, 24 e 31
Agosto 7, 14, 21 e 28
Setembro 4, 11, 18 e 25
Outubro 2, 9, 16 e 23
preços excepcionais desde 3.250$
INCLUINDO:
• Viagem em avião-jacto BOEING-737
• Estadia no Hotel
• Transportes em terra
• Visita turística de Londres
• Taxas Hoteleiras e Gratificações
• Assistência de guia abreu
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 3 79 21
LISBOA: Av. da Liberdade, 160 • Telef. 32 00 21
COIMBRA: Rua da Sofia, 2 • Telef. 27011/2

★ COSTA GOMES RECEBE AMANHÃ A C. I. P. E A INTERSINDICAL

No Palácio de Belém, o presidente Costa Gomes receberá amanhã, pelas 18 horas, representantes da Confederação da Indústria Portuguesa e, às 19 horas, delegados da Intersindical Nacional.

O chefe do Estado concederá uma audiência, também ao presidente da NASA (Agência Espacial Norte-Americana), que se desloca a Belém a fim de convidar o general Costa Gomes para o Congresso de Astronáutica, a efectuar brevemente em Lisboa.

★ SERVIÇOS DE SANGUE NACIONALIZADOS

De acordo com a comunicação feita aos trabalhadores do Centro Filipe Vaz por um representante da Secretaria de Estado da Saúde, vão ser nacionalizados os estabelecimentos particulares de recolha de sangue. O representante da mesma Secretaria de Estado declarou, ainda, que o dr. Filipe Vaz se comprometara a não encerrar os serviços do referido Centro até serem tomadas as medidas anunciadas.

★ PRESOS MAIS INFORMADORES DA PIDE

O Serviço de Coordenação da Extinção da Pide/DGS e LP distribuiu um comunicado anunciando a prisão de mais dois informadores daquelas organizações fascistas:

José António, de 61 anos, natural de Alcoutim, reformado da Guarda Nacional Republicana e empregado no jornal «O Comércio do Porto» e residente na Rua dos Ferreiros (a Santa Catarina), 22-2.º em Lisboa. Usava o pseudónimo de «Joaquim Jorge», informando sobre o meio jornalístico e alguns intelectuais. Recebia importâncias entre os 1 000 escudos e 1 500$00 escudos mensais.

Silvino Fernandes, de 43 anos, natural de Lisboa, pedreiro e morador na Rua Quinta da Graça, 286-D em Lsboa. Usava o pseudónimo de «Salvador» e informava sobre os seus colegas de trabalho, designadamente da «Covina» e do «Grupo Sport Sacavenense», de cuja Direcção fez parte em 1962/63. Recebia, conforme as informações presadas, 300 ou 400 escudos.

★ RECEITAS E DESPESAS ORÇAMENTAIS DO ESTADO

De acordo com a conta provisória apresentada pela Direcção-Geral da Contabilidade Pública, publicada em suplemento no «Diário do Governo», no mês de Janeiro, o excesso das receitas sobre as despesas orçamentais do Estado referente ao ano económico de 1975 totalizava 4 162 908 130$50. O movimento em dinheiro entrado nos cofres públicos e no Banco de Portugal e suas agências, no período decorrido de 1 a 31 do referido mês, atingiu um volume de 14 567 964 014$60 proveniente das rubricas «Receitas orçamentais arrecadas» (5 906 845 533$40); «operações de tesouraria» (7 513 600 265$70; e transferência de fundos) 1 147 518 215$50). Salienta-se dos fundos saídos a verba total de 1 743 937 402$90, «para despesas públicas orçamentais».

★ A FORÇA AÉREA E OS SOCORROS A NÁUFRAGOS

A Força Aérea continua a pensar seriamente na protecção civil, criando, no âmbito do socorro aéreo de emergência, um programa de auxílio às populações. Assim, a partir de ontem e até ao fim do mês de Setembro, das 9 às 18 horas de todos os sábados e domingos, manterá estacionado junto do edifício dos Bombeiros Voluntários de Cacilhas um helicóptero pronto a actuar em operações de salvamento de náufragos, em acidentes que possam ocorrer nas praias da Costa da Caparica e da Costa do Sol.

Em ligação com o Insituto de Socorros a Náufragos e no intuito de cobrir zonas de mais forte probabilidade de ocorrência de acidentes, está previsto o estacionamento para breve de um helicóptero na Foz do Douro.

Parte amanhã de Lisboa o navio «Almeida Carvalho», da Armada Portuguesa, transportando uma missão científica organizada pela Secretaria de Estado do Ambiente, a que o chefe do Estado-Maior da Armada deu, desde o início, a melhor colaboração. A expedição, que durará cerca de dez dias, destina-se às Ilhas Selvagens, no arquipélago da Madeira, onde efectuará estudos de Ornitologia, especialmente referentes à espécie «calonectris diomedea» (cagarra) e de Biologia Marítima.

Atendendo às numerosas adesões que continuam a registar-se ao Encontro Nacional de Arte, iniciativa do Ministério da Comunicação Social, foi prorrogado o prazo de entrega dos trabalhos até ao dia 15 de Julho em Lisboa, na Galeria de Arte Moderna, de Belém, e no Porto na delegação do Ministério, Rua de Santa Catarina, n.º 895-1.º.

Vítor Alves regressou

INGLESES BEM INFORMADOS SOBRE O NOSSO PROCESSO

Ao fim da tarde de ontem, regressou a Lisboa o major Vítor Alves, embaixador itinerante do Governo Provisório, que chefiou a delegação portuguesa à cimeira de Macau, onde foi discutido o problema da independência de Timor.

O major Vítor Alves deslocou-se depois a Inglaterra, a fim de tomar parte num seminário em Oxford e contactou com membros do governo inglês.

«Naquele seminário discutiram-se, essencialmente, problemas ibéricos» — disse o major Vítor Alves, que acrescentou:

«É de realçar que as pessoas estavam bem informadas (eram professores universitários na sua maioria), sobre o processo revolucionário de Portugal e se mostraram aderentes. Foi das primeiras vezes que nos contactos tidos no estrangeiro encontrei uma audiência com tão grande interesse em relação aos problemas nacionais».

Prosseguiu assim:

«Devem calcular que, como português e membro do MFA, fiquei muito impressionado e feliz. Em Londres, conferenciei com representantes governamentais e abordei a situação de Portugal, em especial no respeitante ao campo económico, na parte relativa à Europa. Da mesma forma, como já disse, quanto às pessoas do seminário, verifiquei da parte dos membros do governo da Inglaterra uma interpretação da nossa revolução que devo salientar».

Disse por último:

«Deixou de haver a ideia de que Portugal terá de ser uma democracia do tipo A, B ou C, para se aceitar o processo de Portugal tal como ele existe, ou seja, pluralista».

ESTÁ A DECORRER O ENCONTRO NACIONAL DOS TRABALHADORES SOCIALISTAS DA INFORMAÇÃO

No auditório da Biblioteca Nacional, decorreram ontem, à tarde e à noite, as primeiras sessões do Encontro dos Trabalhadores Socialistas da Informação — reunião a nível nacional com mais de uma centena de participantes, não só de Lisboa e do Porto, mas também de outras localidades.

Foram tratados assuntos relacionados com o actual momento dos órgãos de comunicação social no nosso país, tendo sido relatados factos referentes à vida não só dos jornais como da Rádio e da R. T. P.

Lidas diversas comunicações, sobre elas incidiu a atenção dos presentes, que as discutiram amplamente. A situação económica da imprensa e as suas implicações também foram objecto de estudo por parte dos participantes. Os trabalhos prosseguem hoje, de manhã e à tarde, realizando-se à noite a sessão de encerramento, com a leitura das conclusões. No encontro estão representados os núcleos do Partido Socialista dos três jornais do Porto, num total de mais de uma dezena de elementos.